

---

**Dr. Alexander (Lex) Bos** nasceu em 1925 em Djember, Java. Estudou Sociologia e Geografia na Universidade de Amsterdã, e trabalhou por oito anos como colaborador numa firma de consultoria.

Em 1958 passou integrar a equipe consultores fundadores do Nederlands Pedagogisch Instituut (NPI), um instituto de pesquisa e aplicação de métodos para desenvolvimento organizacional fundamentados na Antroposofia, situado em Zeist, Holanda. Doutorou-se em 1974 com um trabalho sobre "Dinâmica do Juízo em Grupos". Conhecido como autor e conferencista, foi co-fundador do Triodosbank, um banco holandês no qual se aplica o princípio antroposófico da trimembração do organismo social, nos mesmos moldes do GLS Gemeinschaftsbank de Bochum, Alemanha.

Dentre suas obras destacam-se *Os Desafios para uma Pedagogia Social* e *Doze Dragões em Luta contra Iniciativas Sociais*.

De 1979 até o final dos anos 90, o autor veio regularmente ao Brasil com a finalidade de ministrar palestras nos Seminários de Introdução e Aprofundamento em Pedagogia Social promovidos pela Associação para o Desenvolvimento da Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil.

---

Apoio: *RiMa*  
Editora

ASSOCIAÇÃO DE PEDAGOGIA SOCIAL DE BASE ANTROPOSÓFICA NO BRASIL  
R. Amaro Alves do Rosário, 102, Parelheiros, São Paulo, SP  
Tel: (0XX11) 5920 8935 e (0XX11) 5920 8923

CADERNO DE PEDAGOGIA SOCIAL



Associação da Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil

## OS CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO SOCIAL

Lex Bos

Caderno zero  
Maio de 2004

# OS CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO SOCIAL

Lex Bos

Ciclo de palestras realizadas entre  
19 e 23 de Fevereiro de 1991  
no Centro Paulus em São Paulo

Tradução: Eva Gonçalves, Hermanus Meijerink, Jack de Wit,  
Lygia H. P. de Andrade.

(tradução a partir das anotações revisadas pelo autor)

Essa edição foi coordenada pelo Círculo da Divulgação da Associação de  
Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil. Responsáveis: Christian  
Folz, João Luiz Fonseca, Jos Schoenmaker, Leila Scaff, Marise Lopes e  
Valter Gobbo.

Esta edição: maio de 2004

## CONTEÚDO

- Primeira palestra:  
**O lidar com perguntas** 3
- Segunda palestra:  
**O lidar com processos** 8
- Terceira palestra:  
**O lidar com relações** 15
- Quarta palestra:  
**O lidar com a identidade da organização** 22
- **Sumário** 31

## Primeira palestra O lidar com perguntas

Para nós foi uma imensa alegria constatar que nestes quatro anos os seminários de Pedagogia Social tiveram continuidade. Formou-se aqui um grupo que assumiu a continuidade e a realização dos seminários; que cuidou para que a corrente não fosse interrompida. Para nós, é também uma grande satisfação podermos embarcar novamente, depois destes quatro anos.

O grupo que se reuniu aqui este ano propôs-se um objetivo especial: adquirir ou ter mais clareza sobre os caminhos que levam a se tornar um pedagogo social.

Pedagogo Social, como atitude básica na vida, mas em continuidade disso, como profissão. E nestas quatro palestras noturnas que serão dadas durante este seminário gostaria de trazer os elementos fundamentais da formação profissional do Pedagogo Social.

No primeiro seminário, realizado em 1979, tentei dar uma definição do que a Pedagogia Social se propõe a ser.

**Pedagogia Social quer dizer: lidar de tal forma conosco mesmos, com outros seres humanos e com perguntas que nosso próprio agir possibilite um sadio desenvolvimento de outras pessoas e das condições sociais.**

Neessa definição fala-se do *lidar com perguntas*. O Pedagogo Social se interessa por perguntas que tenham a ver com a sua própria relação com os problemas com que outras pessoas se defrontam ("o que isso tem a ver comigo"). Em síntese, ele se interessa por questões sociais.

Ele quer contribuir para que as pessoas possam lidar de *maneira autônoma e adulta* com as questões sociais. Na Pedagogia Social, *a pergunta é a porta de entrada para qualquer atividade no campo social* e, pelo fato de a pergunta ser também o impulso para qualquer processo no mesmo campo, quero me deter, nesta noite, nesse fenômeno da pergunta.

Devemos aprender a distinguir os diferentes *tipos de perguntas*. Nem toda pergunta é o início de um processo no campo social. Há perguntas que atentam para informações, ou para determinadas instruções, ou para alguma atividade técnica. Tais perguntas podem ser respondidas de forma simples, e aquele que a formula praticamente não tem real relação com ela.

Perguntas que podem ser o início de um processo realmente pedagógico estão ligadas ao limiar (limite). Esse conceito de fronteiras, de limiar, tem papel importante na Pedagogia Social. Pessoas funcionam dentro de determinado mundo existencial, no qual estão familiarizadas com determinados fenômenos que também conseguem manejar. Mesmo que se possa dizer que pessoas nessa situação estão acordadas, também é verdade que nessa situação estão sonhando.

Mas surge um despertar mais forte no momento em que nos defrontamos com um limite. Fisicamente, nós nos deparamos com isso quando vamos de encontro a uma parede que não havíamos percebido; o despertar está ligado a isso. Esses limites também podem ser vivenciados no mundo de uma experiência, de uma vivência.

Nós nos defrontamos com o limite do nosso próprio conhecimento, do nosso próprio saber fazer. Fenômenos que, com o conceito que sozinhos dispomos, não conseguimos compreender, pois nos defrontamos com limites em nossa capacidade de vivenciar a situação de outras pessoas, ou nos defrontamos com limites em nossa própria capacidade e habilidade em lidar com determinadas situações.

Na vivência desse limiars, podemos experimentar que as perguntas que surgem destas vivências estão intimamente ligadas a nós próprios, que somos parte dessa pergunta que formulamos e que disso pode surgir a percepção de que os limiars, que experimentamos, podem ser ultrapassados se nós mesmos nos dermos um arranque, e se internamente ultrapassarmos certos limiars.

Para sintetizar, ainda uma vez: o ser humano vive num mundo que lhe é familiar e, enquanto não houver resistência, ele permanece nessa situação como que sonhando; e ele desperta nos limiars, junto aos quais se defronta com resistências que se lhe põem à frente.

Resistências no compreender, no vivenciar, no lidar com situações. Surge então a noção, ainda inconsciente, de que esses limiars externos têm a ver também com limiars internos e que esse degrau externo eu só posso vencer se, dentro de mim, eu puder vencer o degrau interno.

Contribuir para que as pessoas possam despertar para sua relação com essas perguntas, por si só, é uma atitude social pedagógica, porque as pessoas têm a tendência natural de formular suas questões através de perguntas que lhes são exteriores, problemas que podem ser solucionados por especialistas ou por medidas organizacionais, ou administrativas. Eles próprios não precisam mudar em função disso. O ser humano tem um fino tato com relação a isso: o de organizar as coisas de tal forma que ele próprio fica fora da direção de tiro. E muitas vezes, as perguntas são colocadas de tal maneira que não são de si próprio, mas são perguntas de seu chefe, ou do ambiente, ou da organização, ou da sociedade; e nas respostas a tais perguntas o ser humano praticamente não se liga existencialmente.

Na minha atividade como consultor, muitas vezes vivenciei a situação de uma organização solicitar-me para trabalhar em algum problema e me dar conta de que ninguém o transformou em seu problema. O problema não tem dono. As pessoas acham o problema importante e consideram que são outros que devem resolvê-lo.

Processos sociais pedagógicos só podem se desenrolar a partir de perguntas, das quais pessoas digam:

– Esta é a minha pergunta!”

– Eu me experimento, como dono desta pergunta!

De fato, a pergunta se tornou visível fora de mim, mas eu faço parte dela. Eu sou co-responsável pelo surgimento dessa pergunta e sou responsável por ela.

Sobre essa temática, eu elaborei um pequeno “livreto”, que em holandês se chama *Sociale Spiegel Beelden (Imagens de Espelhos Sociais)*. Esse livrinho foi traduzido para o inglês, com o nome de *Nothing To Do With Me?* e os nossos amigos de Florianópolis o traduziram com o título de *Nada a Ver Comigo?*. Nele são descritos alguns exercícios que podem nos ajudar a reencontrar os problemas que vemos fora de nós. Nesse livrinho argumenta-se que as perguntas que o mundo exterior desperta

só podem ser respondidas e solucionadas quando são reconhecidas também no interior das próprias pessoas, na situação em que as outras pessoas se encontram, ou quando as pessoas experimentam essa situação como pergunta. Com limiares, nos defrontamos nessa situação, e o que isso nos desperta?

Isso, no fundo, tem a ver com o destino humano, com o carma. Cada ser humano tem seu próprio ambiente de destino, e as perguntas que ele consegue perceber nesse ambiente fazem parte dele. Outros passam por essas questões e não se dão conta, não se despertam, porque não fazem parte deles, ou porque eles, no seu destino, ainda não tiveram a oportunidade de se dar conta dessas perguntas. O nível social mais profundo, no qual o Pedagogo Social pode lidar com as questões humanas, é o despertar da consciência do destino, que tem a ver com o "tornar-se consciente das constelações do destino".

Por um lado, o Pedagogo Social só pode lidar com as perguntas com as quais as pessoas se sentem ligadas e, por outro, já é uma atividade social-pedagógica, o contribuir para que pessoas consigam obter essa relação com suas perguntas.

O processo social pedagógico que se liga a essas perguntas é um processo de tomada de consciência. Procura-se contribuir com aquele que formula a pergunta, com o lembrar-se de onde, quando e como ele se defrontou com esses limiares. O Pedagogo Social procura contribuir para que a pessoa possa tomar consciência do que vivenciou, ao se defrontar com esses limites, e como lidou com eles. Nesse processo de tomada de consciência é que podem ser encontradas indicações que levam a superações desses limites.

Repetindo, mais uma vez: o Pedagogo Social ajuda a pessoa, com suas perguntas, no processo de consciência, a lembrar-se, da forma mais precisa possível, de onde, quando e como ela se defrontou com esses limites, o que vivenciou então, interiormente, e como lidou com essas situações. No processo de tomada de consciência sobre o caminho que a levou a essa limitação, ela pode encontrar, dentro de si, as indicações do que necessita para ultrapassar esse limiar.

Até agora, só falei das perguntas e das vivências de limiares de outras pessoas, mas o Pedagogo Social também vivencia esses limiares e os

sentimentos de impotência. Na tentativa de se apropriar dessa atitude básica e de se profissionalizar nessa direção, o Pedagogo Social também se defronta com limiares, e a experiência das fronteiras desperta perguntas dentro dele mesmo. E, no exercício da atividade de lidar com tais perguntas, o pedagogo social pode desenvolver suas próprias capacidades. É isso que queremos exercitar amanhã, nos pequenos grupos.

Nesses exercícios, todos serão convidados a se lembrar de experiências, com relação a tais limiares, a relatar como vivenciaram tal situação e como lidaram com ela. Os ouvintes tentarão lidar com essas informações, de forma social-pedagógica.

Assim, amanhã, no grupo de exercícios, nós nos ocuparemos, exercitando e trabalhando com esse elemento básico do processo social pedagógico que é a pergunta.

Ficaremos por aqui hoje. Muito obrigado.

## Segunda palestra O lidar com processos

Na palestra de ontem à noite, nós nos ocupamos com um dos elementos fundamentais da Pedagogia Social: o lidar com perguntas e o tomar consciência das experiências com limiares que levam a essas perguntas. Está claro que com esse primeiro elemento abordamos uma paisagem, e que nessa paisagem podemos ainda fazer muitas descobertas. Podemos, por exemplo, aprender a distinguir entre perguntas de entendimentos e perguntas de escolhas. Há muita diferença entre uma pergunta voltar-se ao passado buscando compreender algo ou orientar-se para o futuro buscando alguma mudança.

Podemos também distinguir entre perguntas que surgem do sentimento de admiração perguntas que surgem do sentimento de angústia, de apreensão. Podemos ainda aprender a distinguir entre perguntas para as quais podemos encontrar uma resposta e perguntas que não se deixam responder, com as quais devemos aprender a conviver e sofrer. Podemos nos dar conta de que perguntas com as quais realmente convivemos abrem a nossa alma para novos horizontes.

Podemos ainda fazer outra descoberta. Falamos ontem que nos defrontamos com limiares e que isso desperta perguntas. Mas também o inverso é possível: que perguntas formuladas nos levem, conscientemente, a limiares e a respeitá-los.

Vivemos num tempo que tende ao ilimitado, ao não respeitar limites, num tempo que tende a não reconhecer diferenças de qualidades e identidade. Num tempo desses, somos como que convocados a também nos colocar limites, a respeitar limites. Por exemplo, o respeitar limites de privacidade, no reconhecimento da identidade própria da vida espiritual, da vida jurídica e da vida econômica, e nos darmos conta de que o ultrapassar dos limites de uma qualidade para outra pode levar a catástrofes! Quando simplesmente transferimos as leis que fazem parte da vida econômica para a esfera espiritual, sem mais nem menos, simplesmente transferindo leis da natureza para o campo social, aí surgem catástrofes. Também devemos aprender as características próprias do mundo mineral, nas quais agem as leis mecânicas, diante do mundo

vivo que exige uma abordagem própria. Quando não respeitamos tais limites, e com leis mecânicas passamos a atuar na vida, então a vida perece. É a causa dos problemas ecológicos com que hoje nos defrontamos.

São os tipos de perguntas que nos convidam a estabelecer limites. Ontem vimos o inverso: defrontamo-nos com limiares que levam ao surgimento de novas perguntas que podem ampliar a nossa consciência.

Até aqui, ainda a visão panorâmica dessa paisagem, que ontem abordamos a respeito da pergunta, da vivência e dos limiares.

Chegamos agora ao segundo elemento básico no campo da Pedagogia Social: é o aprender a perceber e a lidar com processos. Com isso, adentramos o âmbito do tempo.

Toda realidade viva se passa no tempo e se desenrola no tempo, em termos de processos. A palavra processo vem da palavra latina *procedior*, que significa prosseguir. A paisagem dos processos é uma paisagem muito variada e serve de referência para todo tipo de especializações no campo da Pedagogia Social. Encontramos, nessa paisagem, processos de aprendizagem, processos de grupos, processos de desenvolvimento organizacional, processos de iniciativas, etc.

Não queremos nos aprofundar em todos os aspectos dessa especialização profissional, mas queremos nos colocar acima disso e nos perguntar o que é comum a todos esses processos. Processos, geralmente, têm a sua própria dinâmica. Processos precisam amadurecer, precisam de seu tempo próprio. Não podemos forçá-los. O Pedagogo Social deve desenvolver esta capacidade de percepção no processo de amadurecimento: quando alguma coisa está no seu tempo certo?

Processos também buscam um caminho próprio, e estes comumente não são retilíneos, mas têm a característica dos rios, com seus meandros. Os tecnocratas, de preferência, cavam um leito com canais retos e obrigam o processo a se mover nesse leito. Não é de se admirar que a água, nesses canais retilíneos, percam a sua força de vida.

Processos também têm, normalmente, uma sabedoria imanente que é maior do que a nossa inteligência. O Pedagogo Social deve captar, des-

cobrir essa sabedoria e apoiá-la: para onde devemos, então, voltar o nosso olhar?

Gostaria de oferecer hoje, para vocês, três pontos de vista a partir dos quais se pode olhar para processos, e pontos de vista têm a ver com ritmos. Processos sempre transcorrem em ritmos, nos quais se movem entre polaridades.

O primeiro ponto de vista é que o processo ocupa espaço intermediário entre o motivo e o resultado. Portanto, olhem para esse acorde tripo: motivo, processo e resultado.

O motivo é o impulso, que coloca o processo em movimento. O resultado é o *output* do processo. O motivo traz o calor, o entusiasmo para o início do processo. Isso vale tanto para o processo de aprendizagem quanto para o processo de organização e para o processo de tomada de decisão. O resultado nos traz a satisfação diante do que pudemos alcançar. A motivação é como uma força que impulsiona o processo, e o resultado é como uma força que puxa o processo.

O mais difícil é aquela fase em que o calor do entusiasmo inicial já esfriou e o resultado ainda não se tornou suficientemente visível para podermos dar força para prosseguir. Por isso, tanto a motivação quanto a satisfação alimentam-nos pouco com sua força. Então, só nos servem de apoio a disciplina e a fidelidade à decisão tomada.

O Pedagogo Social pode ajudar em tal processo, alternando o olhar, ora para a motivação, ora para a satisfação e, por outro lado, para o resultado que se torna visível no mundo e para as reações do mundo a esse resultado. Ambas as orientações podem contribuir para orientar o processo de maneira diferente.

Não quero me deter mais tempo nesta parte, porque no livro *Desafios Para uma Pedagogia Social* vocês podem encontrar uma série de capítulos voltados, exclusivamente, para este tema: "motivo"/ "processo"/ "resultado". Portanto, não estou, de fato, trazendo nada de novo, mas sim trazendo à lembrança aspectos centrais da Pedagogia Social.

Há outro campo de tensões que dá ao processo o seu caráter rítmico: é uma tensão entre alimentação e direcionamento. Todo processo tem de

ser alimentado: alimentado com matéria-prima quando se trata de um processo de produção; com informações quando se trata de um processo de tomada de decisões; com iniciativas e capacidades das pessoas quando se trata de um processo de organização; e com experiências quando se trata de processos de vida.

Falta de alimento faz o processo perecer e excesso de *alimentação* traz congestão e constipação. Todos nós sabemos como chegamos à constipação, através de um excesso de informação. Além de ser alimentado, o processo também deve tomar forma, deve ser direcionado. Informações devem ser ordenadas. Capacidades têm de ser conjugadas. Também um excesso de forma e de direcionamento pode matar o processo; excesso de forma pode matar a vida. Se faltam forma e direcionamento, surgem então o caos e o crescimento desorganizado.

Uma visão clássica é a de um grupo que precisa resolver um problema em um determinado período de tempo. O coordenador que dá um "free for all" para os presentes até cinco minutos antes do término da reunião e nos cinco minutos finais força uma decisão mata o processo pelo excesso das forças vitais de alimentação. O coordenador que já começa a interromper os participantes nos primeiros cinco minutos da reunião e seleciona as contribuições, entre relevantes e não relevantes, lembra o horário, segura firme as rédeas, chega ao final da reunião com uma decisão sem vida e sem força, com a qual as pessoas se sentem pouco ligadas. Este coordenador deixou prevalecer as forças de morte e do pólo da forma. O processo foi sufocado no berço e não pôde florescer. O Pedagogo Social pode contribuir com a saúde dos processos, reforçando, no momento certo, o pólo da alimentação ou o pólo da forma.

Finalmente, gostaria de olhar para um terceiro campo de tensão no qual se move o processo, que é o da tensão entre conformar-se e isolar-se. Seres vivos têm a necessidade, por um lado, de isolar-se de seu ambiente para que se reforce a sua própria identidade. Por outro, tem a necessidade de dissolver essa tensão que é o resultado desse isolamento, de se adaptar ao ambiente e assimilá-lo.

\*N.T.: "Fale o que quiser".

Adaptação e assimilação levam, de um lado, a dissolver essa tensão e, de outro, à perda de identidade. Porém, isolamento leva ao fortalecimento da identidade, mas também da tensão.

Nós encontramos essa dinâmica em organizações, no seu movimento entre centralização e descentralização, ou na própria execução de todo tipo de atividades secundárias, quando abrimos mão dessas tarefas para nos concentrarmos no negócio “cerne” da organização. Encontramos tais movimentos nos processos de iniciativas que, por um lado, querem firmar sua identidade própria e com isso se isolam e, muitas vezes, entram em conflito com seu ambiente. Mas, por outro, querem criar raízes nesse ambiente, ser aceitos por ele, assumindo diante disso compromissos que chegam a ameaçar sua própria identidade.

Os Pedagogos Sociais podem contribuir para a saúde de processos quando ajudam, de um lado, a refletir sobre a sua identidade e, de outro, a manter o olhar aberto para seu ambiente.

Até aqui, uma breve orientação na paisagem dos processos. Não no que se refere à especialização dos diversos tipos de processos existentes, como processos de aprendizado, processos de mudanças em organizações, processos de grupos, mas no que se refere ao que esses processos têm em comum. Vimos que o Pedagogo Social pode dispor de três pares de instrumentos para diferenciar ritmo do processo de vida do processo:

- motivo e resultado;
- alimentação e direcionamento;
- conformação e isolamento.

Naturalmente, esses três pares de instrumentos têm muito em comum e, em parte, até se sobrepõem.

Para encerrar, gostaria de dizer o seguinte: vivemos num tempo em que a qualidade dos processos tende a se perder. Processos se desenrolam no tempo, e nós não temos mais tempo. Os “Homens Cinzentos” nos pouparam tanto tempo, que já não temos mais tempo.\*

\*N.T.: Pensamento do livro *Manu – a menina que sabia ouvir*, de Michael Endre).

Tempo é dinheiro. Os resultados têm de ser rapidamente alcançados, se não a concorrência nos toma a frente. Assim, resultados já não surgem como frutos maduros de processos, mas são inventados e planejados, e então se planeja um caminho para o resultado: retilíneo, curto e eficiente.

Como consequência do computador, também estamos perdendo a sensibilidade diante da qualidade do tempo. Vinte milhões de cálculos matemáticos em um milésimo de segundo. Não existe mais a noção do tempo.

Também no âmbito da comunicação, defrontamo-nos com isso. Por exemplo, antigamente, quando duas organizações que operavam a grande distância uma da outra tinham de chegar a um acordo sobre uma questão problemática, uma das partes escrevia uma carta para a outra. Com isso, a parte de cá se livrava do problema por pelo menos mais quinze dias. Podia, então, tomar distância, até a chegada da resposta, e só aí retomar o problema. Assim, ainda podia respirar, ainda tinha qualidade processual. Agora, se envia um fax e dentro de meia hora o próprio aparelho já começa a cuspir a resposta. Ficamos com a respiração entrecortada, já não há mais o processo.

Naturalmente, o fax é uma invenção maravilhosa. Mas são todos pequenos passos a caminho da exclusão da qualidade dos processos. Também no viajar podemos perceber esse fenômeno. Antigamente, o viajar, em si, tinha uma qualidade: encontrar pessoas, vivenciar as paisagens, mover-se. Agora, viajar é uma questão de transporte. Trata-se do objetivo. Férias em Salvador: com um “jato” chegamos lá. Para uma conversa em Campinas: três horas “perdidas” no carro. Também processos de aprendizagem perdem sua qualidade: acha-se que demoram demais desnecessariamente. Hoje já se pergunta: por que as crianças do jardim de infância já não aprendem a ler e escrever?

Com essas exposições, eu quero indicar que os processos se encontram em zona de perigo. E por que isto é tão grave? Porque no processo a alma pode respirar. Isto é uma palavra-chave: “nos processos a alma pode respirar”.

Voltemos a situar o processo entre o motivo e o resultado. Os elementos de desejo, que ainda estão presos ao motivo, podem se purificar no processo. No processo a alma tem condições de criar uma relação com o resultado; no verdadeiro processo de aprendizagem uma criança cria



o Pedagogo Social busca apoiar tais processos; revelam-se polaridades, entre as quais o processo se movê ritmicamente, entre motivo e resultado, alimentação e direção, isolamento e adaptação. É importante que fique claro que esses aspectos fundamentais da Pedagogia Social sempre têm um caráter duplo: valem para o cliente com o qual o Pedagogo Social se relaciona, para seus limiares, para as suas perguntas e para os seus processos. Mas esses elementos fundamentais são válidos também para o próprio Pedagogo Social, no que se refere aos limiares com os quais se defronta, às suas perguntas e aos processos em que está envolvido, como, por exemplo, o processo de aconselhamento e ajuda que ele estabelece com o cliente.

Queremos agora voltar os olhos para um terceiro aspecto fundamental da Pedagogia Social: o campo da relação entre pessoas e grupos.

A natureza dessas relações é, de fato, expressão de qualidades anímicas que vivem nas pessoas e se expressam em seu comportamento.

Aos poucos adquirimos a percepção da estratificação da realidade social. O Pedagogo Social deve ser capaz de perceber a estratificação social, ou parte dela, em, por exemplo, uma organização, um projeto ou um bairro.

O primeiro estrato dessa realidade social é o estrato físico, a realidade física. Essa realidade física é concretamente observável e perceptível. É o primeiro campo em que nos defrontamos com os limiares, com as perguntas e também com a necessidade de definir limites e respeitá-los. Sobre essa realidade falamos na terça-feira à noite (1ª palestra).

O Pedagogo Social deve ser capaz de perceber essa realidade também como processo, como uma realidade no tempo, como uma multiplicidade de processos: processos de prestação de serviços, processos de tomadas de decisão, processos monetários, etc. Cada qual tem seu ritmo próprio e sua duração própria.

É numa configuração complexa no tempo que o Pedagogo Social procura entrar, em nível de vivência, com a força da fantasia e a capacidade imaginativa. Sobre essa camada de realidade falamos ontem à noite (2ª palestra).

Queremos observar agora essa mesma realidade social num terceiro nível: no mundo de qualidades anímicas, dos pensamentos, sentimentos

e intenções que se expressam na forma pela qual as pessoas se relacionam umas com as outras e na forma pela qual se ordenam as relações entre si.

Nesse nível, a realidade social ganha a sua configuração através da multiplicidade de padrões das relações sociais. Configura-se numa organização, por exemplo, nas relações entre dirigentes e executores, entre familiares proprietários e aqueles que não fazem parte desse grupo, entre homens e mulheres, entre colaboradores antigos e recém-contratados, entre colaboradores fixos e colaboradores temporários, entre profissionais e não qualificados, entre escritório central e as unidades de trabalho na periferia, entre serviços internos e externos, entre escritórios. Todas essas redes que se tecem entre as pessoas expressam qualidades anímicas.

Imagens ou pressuposições que se tem a respeito do outro, ou da realidade; sentimentos que se tem com relação a outros; normas e valores que se quer fazer vigorar ou não; interesses próprios ou ideais – tudo isso vive nas pessoas, se expressa na forma pela qual se relacionam umas com as outras e na forma pela qual ordenam suas relações. E tudo isso determina esse terceiro nível da realidade social.

No nível dos processos, nós temos a ver com a vida no campo social. Na terminologia da Ciência Espiritual Antroposófica, é nesse nível que se manifesta o corpo vital, o corpo etérico do organismo social. Nessa realidade do processo, o Pedagogo Social tenta entrar a partir de vivência, e, através de “inviver-se” nessa situação, ele procura observar e perceber o nível de saúde desse organismo social. E, se ele consegue isso, também pode tentar contribuir para essa saúde. Ontem, nós oferecemos para esse fim alguns pontos de vista e instrumentos.

No âmbito das relações e das qualidades anímicas, defrontamo-nos, novamente, na terminologia da Ciência Espiritual Antroposófica, com o corpo anímico ou o corpo astral do organismo social. Lá, o Pedagogo Social deve tentar “insentir” a partir de uma pureza dos seus próprios sentimentos (conseguir adentrar nas relações a partir do próprio sentir, com sentimentos depurados).

Faz parte da formação do Pedagogo Social que ele se purifique e objetive de tal forma seus sentimentos que eles possam se tornar um órgão de percepção, neste nível, do corpo astral do organismo social.

E que pontos de vista e instrumentos estão à disposição do Pedagogo Social nesse caminho? Um ponto de vista importante, nesse campo, é de que se possa olhar para a alma como um ser que respira dentro do organismo. Fisiologicamente, o respirar também é a base para a força anímica central do sentir ("o fundamento"). Ao expirar, levamos o mundo interior para fora e, ao inspirarmos, trazemos uma parte do mundo externo para dentro.

No âmbito psíquico, isso se expressa no sentimento de simpatia e antipatia. Na simpatia, queremos nos tornar "um" com o mundo ao nosso redor. Na antipatia, nós nos distanciamos deste mundo para que possamos nos tornar conscientes dele.

Na simpatia, o mundo pode nos avassalar, de forma que nos leve a perder nossa própria identidade. Na antipatia, podemos nos retirar de tal forma para dentro de nós mesmos que perdemos o mundo.

Toda força anímica pode ser colocada numa escala, que tem seu centro, seu lado de expiração e seu lado de inspiração.

Gostaria de mencionar algumas dessas qualidades anímicas e mostrar em que escalas se encontram.



A coragem, entre o medo e a temeridade (excesso de confiança). Na temeridade, nos perdemos a nós mesmos no mundo, como Ícaro, que achou que podia voar. A temeridade nos dá também ânsia de poder e sentimento de volúpia. No medo, nos encolhemos, fechamo-nos para o mundo e vemos somente os perigos que pressupomos. A coragem está no meio. Ela vence o medo e nos encoraja a ir para fora.

Um segundo exemplo: parcimônia (*spaarzaamheid*), entre avareza e esbanjamento. O avaro segura tudo para si e entra numa câibra. O esbanjador vivencia a volúpia do distribuir, mas não olha o que é feito

com aquilo que distribuiu. O parcimonioso sabe guardar alguma coisa, mas também distribui, no momento certo.

Outro exemplo: Interesse desprendido, entre interesse interesseiro e interesse sensacionalista. O interesse interesseiro é frio e manipulador. A ânsia sensacionalista não se interessa, de fato, pelo acontecimento, mas pelas próprias vivências interiores despertadas por ele. O interesse desprendido tem uma qualidade moral própria.

Vou mencionar alguns outros exemplos, sem elucidá-los mais detalhadamente:

- confiança, entre desconfiança e confiança cega;
- compaixão, entre insensibilidade e sentimentalismo;
- firmeza, entre dogmatismo e oportunismo;
- responsabilidade, entre dever imposto e descompromisso.

É importante poder situar cada qualidade anímica no lugar que ocupa na escala. Não se deve rejeitar tal qualidade se ela não se encontra exatamente no meio. Cada qualidade anímica pode vir acompanhada, nos seus flancos, por sua qualidade da direita e da esquerda, e com isso pode ser colocada em movimento.

Com isso, eu chego aos instrumentos que podem ajudar o Pedagogo Social a atuar nesse âmbito da realidade social, pois, também diante do corpo anímico, do corpo astral do organismo social, o Pedagogo Social é convidado a contribuir para a sua saúde.

O caminho seguinte se nos oferece: imaginemos um grupo de pessoas, de uma organização ou de um grupo de iniciativas, que, sob orientação do Pedagogo Social, quer trabalhar nesse nível da realidade. Cada membro é convidado a imaginar-se num acontecimento no qual se expresse a cultura da organização, ou daquele grupo de iniciativas. Nada de situações extremas, mas alguma coisa da qual se diz: é assim que acontece com a gente.

Essa situação é descrita o mais claramente possível e as pessoas ouvem a partir do enfoque: quais qualidades anímicas, quais concepções, quais normas, quais valores, quais sentimentos criam esta realidade que está sendo descrita agora? E depois de ouvir a exposição, os ouvintes dão a sua contribuição, a partir desse enfoque. Não se trata, expressamente,

de desnudar psiquicamente eventuais pessoas envolvidas, mas de conseguir achar o rastro da identidade cultural daquela organização ou daquela iniciativa.

Mesmo que tal cultura tenha surgido a partir de pessoas, e seja mantida por elas, uma cultura também adquire algo próprio, o que por sua vez influencia o agir das pessoas.

Neste exercício, tenta-se nomear aspectos desta cultura, sem apontar determinadas pessoas como culpadas ou responsáveis.

Depois que este exercício é feito diversas vezes com diversas descrições, procura-se sintetizar aquelas características que sempre retornam. Procura-se aquilo que há de comum entre as descrições. Quando, então, se chega à conclusão de que quatro ou cinco aspectos das características centrais da cultura da organização são responsáveis por descrições consideradas insatisfatórias, elas são colocadas numa escala.

Procura-se colocar essas qualidades entre o extremo de um lado e o extremo do outro. Como a coragem, entre o medo e a temeridade; como a confiança, entre a desconfiança e a confiança cega. É exigida criatividade dos envolvidos: a de vivenciar essas qualidades anímicas de tal forma que se possa perceber esse "pano de fundo" no qual tende a se perder no mundo (expiração) e para onde leva quando se perde do mundo (inspiração).

Uma segunda pergunta que podemos nos fazer é: que aspectos à esquerda e à direita devem ser reforçados para tornar saudável a cultura da organização? Como é que essas características, que definem essa organização, podem ser colocadas em movimento? Pode ser que haja uma falta de confiança, mas também pode ser que haja uma confiança cega, desmotivada, e em cada um desses casos há uma outra qualidade que precisa ser despertada para tornar saudável a organização. Quando se obtém um conjunto organizado desses aspectos, chegamos às perguntas: com o que cada um de nós pode contribuir, pessoalmente, para desenvolver essas qualidades anímicas? O que cada um de nós pode fazer para ajudar o outro a desenvolver essas qualidades?

Em terceiro lugar, cabe investigar que formas sociais estão mantendo as qualidades que queremos mudar e como podem ser transformadas.

Pode muito bem acontecer de, como característica dessa organização, perceber-se uma certa desconfiança. Pode ser que essa desconfiança seja institucionalizada por uma série de medidas de controle. Para tornar possível um movimento da desconfiança para a força de confiança, formas organizacionais que também têm a ver com essa característica devem ser mudadas.

Inicia-se um processo de mudança de cultura quando as pessoas expressam as suas intenções com relação a essas três perguntas, chegando a decisões conjuntas.

O tempo de hoje não nos permite ilustrar esse conteúdo à luz de um exemplo prático, mas espero que tenha ficado claro o que falamos quando nos referimos a esse terceiro nível da realidade social, que tem como características centrais as palavras-chave: relações e qualidades anímicas. Espero também que tenha ficado claro como é que o Pedagogo Social pode atuar nesse nível.

## Quarta palestra O lidar com a identidade da organização

Antes de iniciar minha quarta introdução, que levará nossa atenção para um quarto elemento básico da Pedagogia Social, gostaria ainda de deter-me um pouco na exposição de ontem à noite, porque, para uns e outros, isso trouxe algumas dificuldades de compreensão.

Ontem, falamos da terceira camada da realidade social, a realidade das qualidades anímicas que atuam no organismo social. Essas qualidades anímicas, naturalmente, vivem no interior das pessoas, e essa paisagem, interior da alma pode ser caracterizada por idéias, imagens conscientes, sentimentos e emoções semiconscientes e intenções, buscas e desejos muitas vezes inconscientes.

Toda essa paisagem do interior da alma vem para fora quando o ser humano age. Ele age a partir de determinadas concepções pressuposições, a partir de determinados sentimentos e a partir de determinadas intenções ou desejos.

Ao orientarmos a nossa atenção para o ser humano atuante na situação social, na qual sempre se trata de relações humanas, todas essas qualidades anímicas acabam se expressando na natureza destas relações.

A primeira parte de minha exposição de ontem tinha a ver com o diagnóstico dessa terceira camada da realidade social, isto é, um diagnóstico das qualidades anímicas que se expressam nessas relações interpessoais.

A metodologia era bastante simples. Pessoas são convidadas a descrever algo da realidade dessas relações e os ouvintes procuram caracterizar essa descrição pelas qualidades anímicas que nela se expressam.

Deixe-me citar um exemplo: está-se falando a respeito da relação entre o departamento de vendas e o cliente. Então os envolvidos são convidados a descrever o tipo de conversas telefônicas que mantêm com seus clientes, a natureza da correspondência que é expedida, a forma do contrato de entrega que é assinado com o cliente, a forma de cobrança, a forma pela qual o cliente é intimado quando não respeita o prazo de pagamento, como se age diante das queixas do cliente, as informações

que são dadas ao cliente e como transcorre a visita ao representante do cliente. Cada um desses acontecimentos na relação entre o departamento de vendas e o cliente é descrito o mais concretamente possível. A caracterização é feita a partir das qualidades anímicas que se percebe nessas descrições: o que está sendo expresso por esses telefonemas e pela correspondência e o que está presente nessa relação em nível de interesses, de confiança, de sinceridade, de abertura, de compaixão, de atitude de serviço, de identificação com o cliente.

O que dizem e o que revelam esses contatos em torno das concepções que temos: sobre o que é a comercialização, o que é o cliente, o que é uma necessidade, o que é prestação de serviço? Até aqui o diagnóstico.

Para a terapia, indiquei que a qualidade anímica sempre pode fazer dois movimentos. Um expirando em simpatia e se ligando ao mundo, a fim de vivenciá-lo, com o risco de se perder a si mesmo. O outro movimento vai para dentro, inspirando em antipatia e se colocando em oposição ao mundo, para o campo da consciência, mas com o risco de se perder desse mundo.

As forças anímicas saudáveis se encontram no meio; podem se relacionar com o mundo sem se perder a si mesmas. Como exemplo do que já foi citado ontem à noite, a confiança; ou melhor, a confiança realista, entre desconfiança e confiança cega.

A confiança cega se perde no mundo e a desconfiança se fecha para o mundo. A terapia consiste nisso: que as qualidades anímicas que nós encontramos naqueles comportamentos sejam colocadas numa escala na qual, neste caso, temos no meio a confiança, à direita a confiança cega e à esquerda a desconfiança. A qualidade anímica diagnosticada situa-se não como absoluta desconfiança, nem tampouco como uma atitude de confiança, situa-se entre o meio e o pólo desconfiança. A pergunta que formulamos então é: quais qualidades anímicas precisam ser desenvolvidas para que essa característica possa se deslocar mais para o centro?

Mencionei, ontem, que então podem surgir três tarefas: para pessoas individualmente; para pessoa entre si, ajudando-se mutuamente no exercício dessa nova qualidade, dessa capacidade; e para a própria organização, na medida em que determinadas formas da organização mantêm vivos

determinados comportamentos. Por exemplo, medidas de controle, que reforçam constantemente uma atitude de desconfiança.

Até aqui uma breve repetição do que expus ontem, na esperança de que possa ter ficado um pouco mais claro.

Chegamos, hoje, à quarta província da Pedagogia Social, e com isso, queremos encerrar nossas observações nesse amplo panorama.

Nós começamos na dimensão do espaço. Lá, os organismos sociais têm a sua expressão no campo físico. Essa manifestação física nós podemos observar e descrever. No mundo físico, também nos defrontamos com limiares, nos quais esbarram a nossa consciência.

Os limiares despertam perguntas e, ao lidarmos com perguntas, esses limiares podem se transformar em degraus. À medida que conseguimos subir esse degrau, adentramos um novo campo, uma nova província, que é a província do tempo, o mundo no qual transcorrem os processos.

Naturalmente, tais processos têm um lado físico. Processos também se utilizam de meios materiais e de circunstâncias físicas. Esses leitões físicos espaciais são visíveis, mas os processos, como tal, transcorrem no tempo e não são visíveis.

Como Pedagogos Sociais, devemos ter a capacidade de nos "inviver" nesse processos do tempo e, a partir de uma força imaginativa interior, transformá-la numa imagem.

Devemos engajar as capacidades do nosso próprio corpo etérico para podermos formar uma imagem da realidade de nossos processos. Mas, também no mundo dos processos, nós chegamos a limites, nos quais tudo ameaça se tornar processo, nos quais não conseguimos mais avançar e, com força interior, devemos, então, apagar da nossa consciência a imagem desses processos. Esse limiar pode tornar-se também um degrau que podemos ultrapassar.

Adentramos, então, a terceira província: aquela das qualidades da alma que se expressam na forma de agir das pessoas e nas relações entre elas. Para a observação e a nomeação dessas qualidades da alma, precisamos também despertar dentro de nós uma outra província. Só o semelhante pode observar o semelhante. Só com as forças do nosso corpo

anímico, nosso corpo astral, é que podemos observar as qualidades anímicas do organismo social. Precisamos nos sentir, "a partir de dentro", nessas qualidades. Mas, para que não vivenciemos nossos próprios desejos, nossas próprias emoções e nossas próprias imaginações, precisamos depurar nosso próprio corpo astral, para que possa se constituir espelho fiel da realidade anímica externa. A formação Antroposófica traz indicações de como esse caminho pode ser trilhado.

Chegamos, então, ao quarto nível, à quarta província da Pedagogia Social. Chegamos ao nível de ser, da essência. Como o "Eu" dos seres humanos vive na alma, e a alma se utiliza do corpo etérico e do corpo físico para poder existir sobre a terra, da mesma forma a identidade de uma instituição vive no corpo anímico da vida daquela instituição e se expressa, então, através dos processos, na realidade sensorial.

Na passagem do terceiro para o quarto nível da realidade social, o Pedagogo Social, por assim dizer, deve dar-se um puxão, para se libertar desse mundo das qualidades anímicas e ultrapassar o degrau que leva à província, onde tudo se torna cheio de sentido essencial.

Esse puxão que ele tem de dar em si próprio é também uma questão de coragem, de ter a coragem de pensar o "Ser de uma organização". Com palavras como identidade, entidade, propriedades, características de um sistema, corremos o risco de cair no nominalismo, no qual perdemos novamente a essência. No seu quarto nível interior, o Pedagogo só conseguirá encontrar um órgão para a percepção da essência à medida que ele tiver coragem de vivenciar a si próprio como "Ser Espiritual".

O quarto nível é o nível do "Eu", do próprio ser. Enquanto ele não tiver a coragem de encarar a si mesmo a sério, como ser, ele também não terá acesso ao ser, à essência de uma organização.

Como uma pessoa consegue estabelecer uma relação consigo próprio como ser? Isto pode acontecer, por exemplo, reconhecendo-se que, de fato, fazemos uso de nossa hereditariedade, que vem de nossa família, mas que não somos determinados por ela, dando-se conta ainda que a pessoa utiliza-se, de fato, do ambiente e dos recursos que este oferece para seu desenvolvimento, mas não é condicionado por ele.

Existe uma instância dentro dela, que faz escolhas e que pode se questionar: como lidar com esses talentos que herdei, mas também com a carga hereditária que recebi? Há uma instância dentro de mim que se coloca a pergunta: como lido com esses fatores e ambiente que me são oferecidos? O que faço com as possibilidades, com as limitações, com os desafios que me apresenta o meu ambiente? A instância que coloca essas perguntas e faz essas escolhas, isto é o "Eu", este é o meu "Ser".

Ainda não tenho acesso a ele, pela minha consciência, mas vivencio que dentro de mim vive um ente autônomo que escreve sua própria biografia. Este ser, que eu mesmo sou, está se "tornando", e o caminho que esse ser segue, no seu processo de "tornar-se", é marcado pela morte e ressurreição.

Em todo nosso trajeto de vida somos convidados a deixar o que temos alcançado para abrir espaço para o novo.

O que antes nos dava segurança, hoje já não nos apóia. Devemos, por exemplo, deixar para trás a segurança material de que dispúnhamos anteriormente em favor de seguranças internas que têm mais a ver com forças de confiança. E esse *Stierb und Werde*, esse morrer e ressuscitar, tem também a ver com o futuro, com nos soltarmos de antigas concepções de futuro, com nos soltarmos de buscas antigas, para que possamos buscar novos objetivos e novas tarefas.

O que alguns anos atrás me motivava, hoje, pode ter perdido a sua força. Eu busco sempre por novo sentido. Acho que isso é "a característica" da pessoa em formação, que ela está sempre em busca de dar sentido. É uma bela expressão esse "dar sentido". Esse sentido não é dado por leis, por regras, mas o "Eu" dá um sentido. É minha ação livre que dá o sentido a algo. E nesse "dar sentido" é que eu posso me descobrir a caminho da liberdade. Enquanto esse dar sentido ainda está definido pelos desejos da esfera física, ou de normas, tradições e expectativas de um meio ambiente, eu ainda não sou livre.

Passo a passo, descubro esse campo autônomo do meu próprio ser livre, que a partir de si próprio dá sentido às coisas. Através desse caminho o ser humano pode criar uma relação consigo mesmo como ser

e, a partir dessa instância, pode buscar e estabelecer uma relação com a essência de um organismo social.

Quais instrumentos estão à nossa disposição para isso? Os instrumentos se voltam apenas para um objetivo, isto é, com a minha vontade e a vontade do cliente ter acesso à biografia desse organismo, de maneira que, a partir da intuição, possa ver a resposta, com relação ao próximo passo, no caminho desse organismo social.

No nível dos processos, o Pedagogo Social deve ser capaz de se "inviver"; no nível das relações, ele deve ser capaz de se "insentir". No nível do ser, ele deve "inquerer-se", se é que esta palavra existe. No nível do ser, tudo se torna querer, e lá é a própria vontade que deve se transformar em órgão de percepção.

O Pedagogo pode então, com seu cliente, tentar adentrar esse processo biográfico da organização no seu processo de formação.

Vou mencionar agora, algumas questões, das quais podemos nos utilizar para adentrarmos nesse fluxo biográfico:

- 1º ponto: onde na terra essa iniciativa incorporou-se? Que lugar é esse na terra? Qual é a história desse lugar? Qual é a natureza do solo, do clima, do ambiente? Da mesma forma que não é aleatório o local onde nasce uma criança, também é significativo o lugar onde nasce uma iniciativa.
- 2º ponto: em que espaço físico, em que prédio, em que construções físicas é que se desenrola a vida dessa identidade? Como é sua aparência? Como era antigamente e como é hoje?
- 3º ponto: como foi o crescimento dessa iniciativa, talvez expresso em faturamento, orçamento, número de colaboradores? Era um crescimento impetuoso ou crescimento gradual?
- 4ª constelação de perguntas: diante de quais problemas e perguntas, de quais grupos-alvo, de quais pessoas, a organização respondeu e com quais recursos? Uma organização soluciona problemas de clientes. Por quais problemas essa organização se empenhou? De que grupo de pessoas e com que recursos tentou solucionar esses problemas? Com que meios técnicos? Com que meios químicos?

Com que meios artísticos? E houve, neste caminho, mudanças de grupos de pessoas atendidas? E o tipo de problemas abordados?

- Uma 5ª orientação ou perspectiva: com que dependência viveu essa iniciativa? E como mudaram essas dependências no transcorrer do tempo? Por exemplo, dependências em relação a bancos, de doações, do Estado, de proprietários, da Igreja, da política, dos assessores? Essa dependência, no transcorrer do tempo, aumentou ou diminuiu?
- 6ª perspectiva: com que agrupamentos essa iniciativa estabeleceu relações, formas de cooperação, fusões? Da mesma maneira que na biografia humana se criam laços como casamento e amizade, também em nível de organização isto é importante.
- 7ª perspectiva: na biografia da organização há, claramente, períodos de crises e de conflitos? Todas as biografias conhecem um tempo de tranqüilidade e então chega um período de turbulência: a que estavam relacionados esses conflitos e como foram superados?
- Última pergunta: que pessoas, a partir de suas decisões e suas iniciativas, marcaram a vida dessa organização? No início, certamente é o pioneiro, o fundador, mas depois podem ser outras que, a partir de sua própria biografia, passam a determinar fortemente a biografia da organização.

Essa relação de questões de forma alguma está esgotada, e também não tem determinada sistemática.

Cada um que buscar atuar a partir desse enfoque poderá, a partir de si mesmo, elaborar as perguntas de que precisa para lidar com a situação.

De grande importância é que essas perguntas sejam respondidas de modo a apenas nos formar imagens, sem extrapolações. Nenhuma conclusão do tipo: se no passado foi assim, no futuro deve ser assim. A resposta à pergunta: "como continuará este ser?" deve ser dada pelo próprio ser.

Quando conseguimos, através desse tipo de perguntas, entrar no fluxo do querer da biografia desse ser, pode ser ouvida uma resposta das profundezas intuitivas. Em contraposição a assessores tecnocráticos que, com base em análises de mercado e na análise dos pontos fortes e fracos, traçam uma estratégia para o futuro, o Pedagogo Social busca

entrar em diálogo com o ser dessa organização e encontrar respostas dentro dessa esfera.

Eu sei muito bem que isso é uma Pedagogia Social para um futuro longínquo e, para isso, praticamente não desenvolvemos, ainda, capacidades, mas mesmo assim podemos, com toda discrição, já dar os primeiros passos.

## Sumário

Se vocês ainda tiverem condições de ouvir por mais cinco ou dez minutos, gostaria de fechar estas quatro introduções e dar uma pequena síntese.

Eu busquei descrever o caminho do Pedagogo Social em quatro etapas.

É, de fato, um caminho de formação que está relacionado aos quatro elementos da natureza humana.

Ele começa no nível do mundo físico sensorial; lá vive o ser humano, com sua consciência diurna. É também o mundo dos limites, e todos os passos seguintes serão dados a partir dessa realidade. Porque, se falarmos depois de processos, de relações e do ser, todos esses níveis, essas províncias superiores, têm o seu reflexo na realidade física. Lá, sempre encontramos novamente o nosso controle e a nossa segurança. É nesse ambiente que se inicia o caminho da formação do Pedagogo Social: o aprendizado de uma observação precisa, como também um pensar claro.

O caminho prossegue na província do tempo, dos processos. Esse mundo, o ser humano também controla dentro de si mesmo a partir de seus próprios processos vitais e de seu próprio corpo etéreo. Esse corpo etéreo está, em parte, ligado a uma realidade física e cuida da construção e da regeneração.

Uma segunda parte se libera, após os sete anos, e se coloca a serviço da capacidade da fantasia e da imaginação, e com ela podemos aprender a perceber a realidade dos processos. O caminho da formação Antroposófica traz também indicações para o desenvolvimento dessas capacidades.

Então, o caminho nos leva a uma terceira província, a das qualidades da alma, e no organismo social já nos movemos no âmbito das relações humanas. No próprio ser humano isso se reflete no seu corpo astral. Lá,



também se encontram tarefas de formação para o Pedagogo Social, para desenvolver esse elemento anímico como órgão de percepção da realidade social.

E no quarto campo, nós devemos aprender a nos perceber a nós mesmos como ser, para que também possamos observar organismos sociais em sua essência.

Eu acredito que a Antroposofia, em seu conteúdo, seja um caminho de aprendizagem importante para vivenciar essa essência.

Até aqui, então, a tentativa de mapear essas quatro províncias, que constituem a atuação do Pedagogo Social. Talvez, esses pontos de vista possam nos ajudar quando nos ocupamos com a pergunta: como podemos capacitar-nos, nos apropriar desses instrumentos, em nosso desenvolvimento posterior?

Obrigado!